



A CRÍTICA SOCIAL NAS MÚSICAS DA LEGIÃO URBANA: uma análise a partir da crônica jornalística

Kauana Amine de Oliveira de Lima¹

Carlos Golembiewski²

Resumo: O presente artigo teve como objetivo verificar quais semelhanças existem entre as músicas da banda Legião Urbana e a crônica jornalística. Para tanto, foram analisadas 5 músicas dos primeiros discos, através da análise de conteúdo jornalístico, proposta por Herscovitz (2007). Como referencial teórico, foi feito um perfil sócio-histórico da banda e também foram utilizados os conceitos de Comunicação (Marcondes Filho, 2013; Maffesoli, 2003), Música (Ferraro, 2016; Suzigan, 1990) e Crônica Jornalística (Melo, 1994). Por fim, buscou-se fazer uma reflexão acerca dos valores e da influência da banda Legião Urbana, com o foco na crítica social feita por ela. Observou-se que tanto na crônica jornalística quanto nas músicas há presença de crítica social.

Palavras-chave: Crítica Social; Crônica Jornalística; Legião Urbana; Música.

Introdução

Em 2016, os integrantes que restaram da banda Legião Urbana fazem uma turnê para relembrar os sucessos e celebrar os 30 anos. Fundada em 1982, mas com sua formação sólida um pouco mais tarde com Renato Russo, Marcelo Bonfá e Dado Villa-Lobos, a nova banda de rock que surgia nos anos 80 não demorou a balançar o público nos festivais populares da época. Entre letras de amor, como por exemplo, “Eduardo e Mônica”, que representou a trilha sonora de muitos casais, Legião tinha também a característica de, através das músicas, fazer críticas sociais.

1 Universidade do Vale do Itajaí (Univali)

2 Orientador do trabalho. Universidade do Vale do Itajaí (Univali)

O conceito de Crítica, encontrando em Houaiss (2009), pode ser uma análise; exame ou julgamento. E Social (Houaiss, 2009) significa que pertence à sociedade. Dessa forma, a Crítica Social analisa estruturas e prática sociais, visando soluções. A banda Legião Urbana, ao analisar essas estruturas, parecia evidenciar os problemas do país através de suas músicas. O grupo queria conquistar espaço em meio a um cenário complexo para o povo brasileiro. Estavam saturados dos anos de ditadura, cansados da inflação e da crise que afetava o país, rumo ao restabelecimento da democracia. Este foi um dos momentos mais complicados da história brasileira, porém, isso não os impediu de fazer sucesso. Pelo contrário, fortaleceu a vontade de revolucionar e os ideais da banda que nos mostrou, como na música *Mais Uma Vez* que “quem acredita sempre alcança”.

Foi “quase sem querer” que Legião influenciou a sua geração e posteriores. Mesmo depois de três décadas, continuamos questionando “que país é esse” em que vivemos. Pode se afirmar, contrário do que diz a letra *Teatro dos Vampiros*, “Ninguém vê onde chegamos”, que chegaram longe, pois mesmo depois de tantos anos, suas músicas permanecem tocando nas rádios e sendo escutadas por várias gerações. Diante de tantas críticas e questionamentos, a única resposta possível de responder é a que faziam na música “será”, ao perguntar “será que é tudo isso em vão?” Não foi em vão, pois, segundo o site oficial da banda, estão na lista dos 10 recordistas de vendas de discos no Brasil, somando mais de 15 milhões de discos vendidos.

Como foi dito acima, a Legião Urbana surgiu num período pós-ditadura militar e acabou fazendo muitas músicas que traziam nas letras o sentimento do povo brasileiro naquele momento. Portanto, de certa forma, a música como uma narrativa social se assemelha um pouco com o que faz o jornalismo. Em função disso, esta pesquisa quer verificar se as músicas da Legião podem ser comparadas à crônica jornalística presente no chamado jornalismo opinativo. Uma das características desse formato, segundo Melo (1994), é a crítica social. Para o autor, a crônica é um gênero que reflete a opinião do cronista sobre assuntos e fatos cotidianos.

Para a elaboração dessa pesquisa, além da definição de crônica, fez-se um perfil sócio-histórico da banda Legião Urbana e utilizou-se o conceito de Comunicação, pro-

posto por Ciro Marcondes filho (2013) e Michel Maffesoli (2003). Também recorreu-se ao pensamento de Suzigan (1990) e Ferraro (2016), a respeito do que significa a música.

Metodologia

Para verificar quais semelhanças existem entre as músicas da banda Legião Urbana e a crônica jornalística, no presente projeto foi utilizado o método Análise de Conteúdo Jornalístico. Segundo Herscovitz (2007, p.126), é o “método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital”. Segundo Shoemaker & Reese (1996), a análise de conteúdo da mídia ajuda a compreender quem produz e quem recebe os materiais, e estabelece alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica por trás das mensagens. Quanto aos pesquisadores que utilizam o método, Herscovitz (2007) afirma:

“Os pesquisadores que utilizam a análise de conteúdo são como detetives em busca de pistas que desvendem os significados aparentes e/ou implícitos dos signos e das narrativas jornalísticas, expondo tendências, conflitos, interesses, ambiguidades ou ideologias presentes nos materiais examinados” (HERSCOVITZ, 2010, p. 127)

Partindo do princípio que os textos são polissêmicos e abertos a múltiplas interpretações, o presente artigo fez a análise do conteúdo de músicas para verificar se há semelhança com a crônica jornalística. Como já citado acima, não foi encontrada outra pesquisa relacionando a crônica com as músicas, em especial, da Legião Urbana.

Os materiais analisados foram cinco letras de músicas que estão distribuídas nos primeiros discos da banda: *Legião Urbana (1985)*, *Dois (1986)*, *Que país é este (1987)*, *As quatro estações (1989)* e *V (1991)*. Baseando-se nas características do gênero crônica concedidas por Melo (2003). Esses discos compõe a maior parte da produção da Legião Urbana. O conteúdo das letras foi analisado para observar se há a presença da crônica jornalística nas músicas. Para a análise dos dados foi adotada pesquisa qualitativa, a qual se baseia na subjetividade e não em números, interpreta fenômenos e atribui significados.

Comunicação

O ato de comunicar diz respeito à ação de compartilhar uma mensagem e receber outra como resposta. Entretanto, a comunicação mediada tecnologicamente parte de um centro emissor e se difunde em receptores. Surgiu no século XV, com a invenção dos tipos móveis por Gutenberg e teve seu período efetivo de expansão no século XIX, com a imprensa e a literatura de massa. Segundo Marcondes Filho (2013), o fenômeno decisivo foi a Indústria Cultural, a partir da multiplicação das imagens (inicialmente com a fotografia, depois com o cinema) e do registro da reprodução dos sons (com o fonógrafo, o rádio, a indústria do disco).

A Indústria Cultural, conceito criado pelos filósofos alemães Max Horkheimer e Theodor Adorno, sintetiza o movimento de expansão das sociedades do Ocidente. Foi possível pela televisão, publicidade e campanhas. É oriunda da cultura de massas e traz novas formas de política, consumo, gosto popular, publicidade e estratégias de relações públicas. Dessa forma, o homem deixa de ser considerado o centro do universo e neste, se instalam as imagens, sons e escritos do mundo. De acordo com Marcondes Filho (2013, p.50), a Indústria Cultural:

(...) dá um “brilho” especial para colorir o cotidiano cinzento das pessoas. Para sociedades de massa, onde as pessoas vivem realidades vazias, sem novidade, monótonas, a indústria cultural transforma a rotina das pessoas em algo fascinante através dos olhos glamorosos do cinema, das revistas, dos painéis, da TV. (FILHO, 2013, p. 50)

A partir da indústria cultural surgem outras teorias da comunicação que analisam os efeitos da mídia nas pessoas, como a teoria hipodérmica e de persuasão. Entretanto, como afirma o sociólogo francês que estuda as tribos urbanas, Michel Maffesoli (2003), as teorias nem sempre têm a coragem de estudar e de considerar as emoções suscitadas. De acordo com o autor (2003, p. 16), para entender a comunicação é “necessário estudar o fenômeno que acontece no interior das pessoas quando deparadas com um fato comunicacional, seja uma notícia, fotografia, filme, etc”. No presente artigo, esse fato está presente nas letras e músicas da banda Legião Urbana.

Música

Após ter sido apresentado o conceito de comunicação é válido falar que há várias maneiras de comunicar-se. Dentre elas, encontra-se a música, que pode ser uma

forma indireta de passar uma mensagem. Dessa forma, tem-se a música como uma forma de linguagem. Além de servir à arte, também serve à comunicação humana como meio de expressão. Suzigan (1990, p.12) afirma que:

A música é a linguagem que mais viabiliza o consumo massificado. Ela aparece como pano de fundo em muitas atividades da comunicação de massa, como nas trilhas de novelas de televisão, onde as multinacionais distribuidoras de discos, que dominam o mercado brasileiro, a divulgam de forma subliminar, sem que o telespectador perceba claramente que tipo de música está recebendo e que acaba interiorizando como repertório do subconsciente. O cinema faz a mesma coisa. (SUZIGAN, 1990, p.12)

Apesar da música muitas vezes ser usada dessa forma subliminar, há também a música que surge como crítica social. Nesse segmento é relevante citar as composições de jazz. Para Ferraro (2016), elas têm em sua origem elementos trazidos da África pelos escravos, que interviram de forma significativa ao nível cultural, vindo a criar um novo modo de comunicação e expressão de sentimentos.

Olhando para o Brasil, observa-se que no final do século XX, havia as chamadas músicas de protesto. Através das letras, eram feitas manifestações políticas e culturais, e essas, demonstravam ideologias contrárias à situação do país, afirma Ferraro (2016). Dessa forma, nota-se a importância da música nos movimentos políticos para conscientizar a população e passar uma ideologia de liberdade, contrária ao governo opressor, que ficou no poder durante 21 anos, entre 1964 e 1985.

Legião Urbana

Legião, que entre os antigos romanos significava uma grande unidade de exército (Houaiss, 2009) é a primeira palavra escolhida para compor o nome da banda, que reforça a ideia de andar sempre em grupo. A segunda palavra, Urbana, remete aos centros e metrópoles, nas quais o número de pessoas é expressivo. Com isso, Renato Russo e Marcelo Bonfá acreditaram que o nome Legião Urbana seria perfeito para nomear a banda que formaram no ano de 1982 (Villa-Lobos, 2015). Segundo Sobrinho (2003, p.3):

(...) foi na capital federal que os legionários começaram sua formação original com Renato Russo, Marcelo Bonfá, Dado Villa-Lobos e Renato Rocha ('Negrete'). Pouco depois, com a saída do Negrete, o quarteto se desfez, mas a legião de fãs cresceu a cada disco lançado (...) (SOBRINHO, 2003, p. 3)

A década de 80 deixou um legado negativo para a história brasileira em vários aspectos no que diz respeito ao contexto político, social e econômico. Segundo Guimarães (2011), o país estava vivendo um processo de transição política de uma ditadura militar que perdurava sobre a nação desde ano de 1964 para o restabelecimento da democracia. Depois da consolidação deste processo de redemocratização, o Brasil passou a viver o pesadelo inflacionário que influenciou negativamente o país, vivenciando uma crise econômica e política constante.

Nesse contexto político, “assistiu-se à emergência de jovens, insuflados por batidas e acordes de guitarra, projetando seus corações e mentes na busca de soluções para os problemas de sua época” (Prado, 2011, p 2). Em meio a isso, encaixava-se a banda Legião Urbana, com músicas que faziam críticas à política, corrupção e ditadura militar. “Que país é este” é um exemplo de hinos que o Brasil escuta até hoje para referir-se à corrupção.

No ano de 1985, a banda lançou o primeiro álbum, *Legião Urbana*, pela gravadora EMI. A mesma dos *Beatles*, banda de grande relevância mundial e inspiração musical para o vocalista Renato Russo. O disco trouxe sucessos como “Será”, “Ainda é cedo”, “Geração Coca-Cola” e “Por Enquanto”, tornando o álbum o principal lançamento do Rock Brasil naquele ano. (LEGIÃO [2016], *online*)

As músicas espalharam-se, além do primeiro já citado, em outros sete discos. *Dois* em 1986; *Que País É Este* em 1987; *As Quatro Estações* em 1989; *V* em 1991; *O Descobrimento do Brasil* em 1993; *A Tempestade ou O Livro dos Dias* em 1996; *Uma Outra Estação* em 1997. Todos tiveram seus singles tocados pelo Brasil inteiro, destacando “Quase sem querer”, “Eduardo e Mônica”, “Tempo Perdido” e “Faroeste Caboclo”, música de 9 minutos, que quebrou padrões e teve tamanha relevância, a ponto de virar filme no ano de 2013. (LEGIÃO [2016], *online*)

As composições, em sua maioria, eram feitas por Renato Russo (1960-1996), vocalista e ícone, tanto que no dia que morreu, a banda se desfez. No livro *Memórias do Legionário*, Dado-Villa Lobos (2015, p.13), guitarrista da Legião urbana, conta que no dia da morte de Renato, a edição do *Jornal Nacional* foi quase toda dedicada ao vocalista. O jornalista William Bonner, quando questionado se a morte do cantor merecia tamanha repercussão, ameaçou cantar a letra inteira de “Faroeste Cabolo”, “explicitando,

de um modo inesperado, a importância do Renato e da Legião para a cultura popular brasileira (...) O Renato havia partido, e a banda de rock mais popular do País automaticamente se desfazia”.

Mas, durante os anos dedicados à Legião Urbana, o vocalista, que desde a infância sonhava em ter uma banda, reconhecia a importância de pensar e agir em conjunto com a banda. No livro escrito por Simone Assad (2000), com pensamentos do Renato Russo, o vocalista afirmou:

“Como eles são mais jovens do que eu — isso não é uma coisa que parte de mim —, às vezes eu sinto que eles se ressentem de ser essa coisa de Renato Russo, Renato Russo, Renato Russo. O vocalista aparece mais, mas, às vezes, as pessoas têm a impressão de que eu faço tudo. E eu não faço tudo, não. Têm músicas inteiras que o Dado me entrega a fita pronta, eu só coloco a letra. E as pessoas não vêem isso.” (ASSAD, 2000, p. 61)

Segundo Villa-Lobos (2015), a banda tinha um lema que era “Urbana Legio omnia vincit” (Legião Urbana a tudo vence), uma adaptação da frase do ditador romano Júlio César (*Romana Legio omnia vincit*), presente em todos os discos, exceto nos dois últimos. E, com exceção da morte, conseguiram juntos vencer obstáculos e permanecer até o fim, causando reflexão com suas composições em muitos jovens na sua geração e em gerações posteriores.

Crônica Jornalística

Partindo do princípio que “o jornalismo é concebido como um processo social que se articula a partir da relação entre organizações formais e coletividades que asseguram a transmissão de informações em função de interesses e expectativas” (Melo, 1994, p.147), têm-se as classificações do Jornalismo, dividido por Melo: Informativo e Opinativo. No jornalismo informativo, o jornalista tem o papel de registrar fatos e acontecimentos e informar a sociedade. No opinativo, diante dos acontecimentos, o jornalista deixa clara sua subjetividade, difundindo opiniões, ou seja, opina sobre os acontecidos.

Entre os formatos presentes no jornalismo opinativo está a crônica. A crônica é uma narrativa circunstanciada em torno de fatos observados pelo jornalista em um determinado espaço de tempo, assegura Melo (1994). O cronista precisa atuar como medi-

ador entre os fatos que estão acontecendo e a psicologia coletiva. Dessa forma, a crônica deve ser capaz de gerar reflexão no leitor.

De acordo com Melo (1994), a crônica tem as seguintes características fundamentais: a) fidelidade ao cotidiano; b) crítica social. É um gênero tipicamente brasileiro, não tendo equivalentes na produção jornalística em outros países, assinala o autor. No jornalismo mundial, Paulo Rónai (1994) refere-se à crônica vinculada ao relato cronológico, de narração histórica. No Brasil, ela surgiu como folhetim, um espaço reservado semanalmente pelos jornais para registrar os acontecimentos recentes. Era escrita por poetas ou ficcionistas, visto que os escritores da época não tinham condições de viver de literatura, e por isso recorriam à imprensa, observa Ronai (1994)

Com o passar do tempo, a crônica também passou a ser publicada em livros, tendo vários autores que se dedicaram a esse formato: Luís Fernando Veríssimo, Rubem Braga, Machado de Assis, entre outros. Melo (1994) ainda afirma que apesar de ser bem definida e representar a identidade cultural do país, o debate acerca do gênero é constante e conforme o tempo é passível de modificações.

Levantamento de dados: Análise das músicas

Em relação à crônica, usando as características já citadas por Melo (1994), acontecimento cotidiano e crítica social, foi levado em conta que, dentro de cada CD não há apenas uma música com essas características. Então, para a escolha das 5 músicas analisadas neste artigo, o critério foi, além de encaixar-se nessas características, o maior número de visualizações no *Youtube*.

1) 1985 – CD Legião Urbana

A música escolhida do CD que é intitulado por “Legião Urbana”, lançado no ano 1985 é “Geração Coca-Cola”. Tendo mais de 3 milhões de visualizações *no youtube*, é considerada um dos hinos da banda e faz uma crítica de forma irônica. Abaixo a letra da música:

*Quando nascemos fomos programados
A receber o que vocês nos empurraram com os enlatados*

Dos U.S.A., de 9 às 6

Desde pequenos nós comemos lixo comercial e industrial

Mas agora chegou nossa vez

Vamos cuspir de volta o lixo em cima de vocês

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola

Depois de 20 anos na escola

Não é difícil aprender todas as manhas do seu jogo sujo

Não é assim que tem que ser

Vamos fazer nosso dever de casa

E aí então vocês vão ver suas crianças derrubando reis

Fazer comédia no cinema com as suas leis

Somos os filhos da revolução

Somos burgueses sem religião

Somos o futuro da nação

Geração Coca-Cola (2x)

Música “Geração Coca-Cola”	Crítica Social	Fidelidade ao cotidiano
	Influências do capitalismo	Jovens lutando por melhorias
	Consumismo	Globalização

A tabela acima mostra os assuntos debatidos nesta música: as influências do capitalismo, consumismo, globalização e também os jovens lutando contra esse sistema capitalista e buscando fazer revolução. A primeira estrofe inicia falando que as pessoas já nascem programadas a receber o que é empurrado para elas, referindo-se à influência

que o capitalismo exerce. Inclusive, cita USA, a maior potência mundial, como influente. Em seguida, a banda mostra revolta ao falar que desde pequenos come-se “lixo comercial e industrial”, novamente referindo-se ao sistema capitalista, aos comerciais e propagandas que são impostos todos os dias para as pessoas, e a toda a produção industrial.

No refrão, a banda – que na época eram jovens – afirma que são esses jovens os filhos da revolução e futuro da nação, como se esses jovens tivessem o dever de posicionar-se diante da comodidade. Ao falar “somos burgueses sem religião”, faz referência à antigamente, quando os burgueses eram a classe social alimentada pela nobreza, e viviam pela religião, logo, um burguês sem religião já mostra que é algo diferente, revolucionário.

Ao falar “Geração Coca-Cola”, usa a bebida popular Coca-Cola como um símbolo, pois ela serve para exemplificar a influência do capitalismo e da globalização, visto que a bebida é conhecida mundialmente. Dessa forma, a “geração Coca-Cola” simboliza uma crítica à geração que foi influenciada por todo o consumismo e capitalismo, para os novos jovens, que seriam o futuro da nação, desprender-se da comodidade e das influências externas.

Após o refrão, as estrofes seguintes fazem referência aos jovens que passaram anos na escola para aprender, e conforme crescem, adquirem a capacidade de refletir e criticar o que estiver errado, inclusive o governo, sistema, leis, etc. Essa crítica pode ser feita de várias maneiras, na música a maneira citada para exemplificar são através de filmes que os jovens criam.

Por fim, é possível encontrar na música “Geração Coca-Cola” características da crônica ao observar que a banda faz críticas sociais acerca dos jovens da época, das influências externas e do capitalismo. Esses temas permanecem atuais, mesmo depois de 30 anos. Relembrando o que o Melo (1994) fala sobre a fidelidade ao cotidiano. Dessa forma, a banda faz uma reflexão inteligente acerca de aspectos cotidianos.

2) 1986 – CD Dois

O segundo CD lançado pela banda, no ano de 1986, é intitulado por “Dois”. A música escolhida deste é “Tempo Perdido”, contém mais de 26 milhões de visualizações no *youtube*, sendo a mais visualizada da banda na rede social. Segue a letra:

*Todos os dias quando acordo
Não tenho mais o tempo que passou
Mas tenho muito tempo
Temos todo o tempo do mundo*

*Todos os dias antes de dormir
Lembro e esqueço como foi o dia
Sempre em frente. Não temos tempo a perder*

*Nosso suor sagrado
É bem mais belo que esse sangue amargo, e tão sério
E selvagem, selvagem, selvagem!*

*Veja o sol dessa manhã tão cinza
A tempestade que chega é da cor dos teus olhos castanhos*

*Então me abraça forte
E diz mais uma vez que já estamos distantes de tudo
Temos nosso próprio tempo (3x)*

*Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas agora
O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens,
Tão Jovens (2x)*

Música “Tempo Perdido”	Crítica Social	Fidelidade ao Cotidiano
------------------------	----------------	-------------------------

	Reflexão sobre o tempo	Tempo
		Juventude

“Tempo Perdido” é uma das músicas que marca a banda, tendo um filme com esse nome que conta a trajetória da Legião Urbana e, principalmente, do vocalista Renato Russo. Jovens, repletos de sonhos, de sede por mudanças que resultem numa vida melhor, tanto individualmente, quanto no coletivo, no país.

A tabela mostra o principal assunto debatido nesta música: uma reflexão sobre o tempo. Nos primeiros refrãos já faz uma analogia ao tempo, dizendo que todos os dias ao acordar não se têm mais o tempo que passou. Uma reflexão de que cada dia é uma nova chance, mas que não temos tempo a perder. Como já foi citado antes, era uma banda de jovens, e no refrão “Somos tão jovens” é o que a banda quer mostrar, um paradoxo de ser jovem e ao mesmo tempo não ter tempo a perder, pois tudo é tão efêmero.

Quanto às semelhanças com a crônica nessa música, primeiramente, é falar sobre um fato relevante e que sempre fará parte da vida, o tempo. A linha é tênue na reflexão e na crítica, não é denunciadora como no exemplo da música acima. Mas, nem toda crítica precisa ser na mesma intensidade. No caso desta é leve, quase poética, mas não deixa de existir, pois como diz na letra, todo dia é novo e “não temos tempo a perder”.

3) 1987 – CD “Que país é esse”

A música “Que País é esse” foi composta quando Renato Russo ainda estava na banda Aborto Elétrico, no ano 1978 (Villa-Lobos, 2015). Entretanto, a música só foi lançada em 1987, no CD “Que país é esse” da Legião Urbana. Segue a letra da música:

Nas favelas, no senado, sujeira pra todo lado

Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse? (3x)

No Amazonas, no Araguaia, na Baixada fluminense

No Mato grosso, Minas Gerais e no Nordeste tudo em paz

Na morte eu descanso mas o sangue anda solto

Manchando os papéis, documentos fiéis ao descanso do patrão

Que país é esse? (4x)

Terceiro Mundo se for piada no exterior

Mas o Brasil vai ficar rico, vamos faturar um milhão

Quando vendermos todas as almas dos nossos índios num leilão.

Que país é esse? (4x)

Música “Que país é esse?”	Crítica Social	Fidelidade ao cotidiano
	Corrupção	Situação do país
	Violência	
	Desigualdade	
	Índios	

No primeiro trecho da música são apresentadas duas realidades do país, as favelas e o senado. A comparação entre as duas é em relação à sujeira. Essa sujeira não é no sentido literal, visto que o senado seria um lugar limpo. A sujeira é no aspecto de violência, roubos, corrupção. A frase em seguida reforça isso ao falar que as pessoas não respeitam a constituição. Dessa forma, como ter esperança para um futuro melhor, sem obedecer as leis? Depois, há a pergunta que também dá nome à música, “que país é esse”.

O segundo trecho pode ser interpretado de várias maneiras. O Brasil é um país que tem a história manchada pela escravidão e desigualdade. Por conta disso, no passado houve significativa exploração de pessoas que trabalhavam por baixos custos, enquanto seus padrões enriqueciam.

A última estrofe faz referência ao terceiro mundo, denominação criada para caracterizar países subdesenvolvidos. O Brasil se encaixava nesses países e, pela falta de desenvolvimento em inúmeros aspectos, com uma dívida alta, era motivo de piada para os outros. As últimas quatro frases ironizam que o país ficaria rico quando vendesse

todos os Índios em um leilão, reforçando o desrespeito com os indígenas, desde a colonização do país. Legião também busca tratar dessa temática na música “Índios”.

A música encerra com a questão “Que país é esse”. Dessa forma, em 3 estrofes, a composição faz uma reflexão e crítica ao país. A tabela acima representa uma síntese da crítica social descrita nessa música, os assuntos: corrupção, violência, desigualdade e índios, como foram descritos. E mesmo tendo sido escrita há mais de 30 anos, os temas em debate continuam atuais. Os contrastes e as semelhanças entre as favelas e o senado permanecem, da mesma forma que o país continua sendo motivo de piada nos outros países. Especialmente nesse cenário atual, em que há uma tentativa de golpe na democracia. É válido falar que a análise é subjetiva e, dessa forma, é passível de ter outras interpretações.

4) 1989 – CD As Quatro Estações

É o CD da banda que teve mais vendas. No ano que lançou, 1989, já tinha vendido quase 2 milhões de discos. A música escolhida para análise desse, é “Pais e Filhos”, com mais de 14 milhões de visualizações no *youtube*.

Estátuas e cofres e paredes pintadas

Ninguém sabe o que aconteceu

Ela se jogou da janela do quinto anda, nada é fácil de entender

Dorme agora, é só o vento lá fora

Quero colo, vou fugir de casa! Posso dormir aqui com vocês?

Estou com medo, tive um pesadelo. Só vou voltar depois das três

Meu filho vai ter nome de santo, quero o nome mais bonito

É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar na verdade não há

Me diz, por que que o céu é azul?

Explica a grande fúria do mundo

São meus filhos que tomam conta de mim

Eu moro com a minha mãe, mas meu pai vem me visitar

Eu moro na rua, não tenho ninguém, eu moro em qualquer lugar

Já morei em tanta casa que nem me lembro mais

Eu moro com os meus pais

É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã

Porque se você parar pra pensar na verdade não há

Sou uma gota d'água, sou um grão de areia

Você me diz que seus pais não te entendem

Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo

São crianças como você

O que você vai ser quando você crescer

Música “Pais e Filhos”	Crítica Social	Fidelidade ao Cotidiano
	Relação entre pais e filhos	Amor
	Suicídio	Tempo
	Reflexão sobre a passagem do tempo	

“Pais e Filhos” traz como assunto um problema de saúde pública, o suicídio. A letra conta a história de uma menina que comete suicídio. Ela joga-se da janela do 5º andar, por isso o “dorme agora”. A música parece pretender causar reflexão sobre a fragilidade da vida, tanto que o refrão “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã”, é popularmente conhecida para fazer as pessoas valorizarem suas famílias e às pessoas que tem ao seu lado.

A música também faz uma reflexão sobre a relação entre pais e filhos, como diz o nome. Conta histórias de várias famílias, como aquele que mora com a mãe e o pai vem visitar, o que mora na rua, os filhos que tomam conta dos pais, enfim. Encerra com “você me diz que seus pais não entendem, mas você não entende seus pais”, querendo mostrar os dois lados, que independente de diferenças, a linha é tênue entre pais e filhos e ambos merecem empatia.

Ao relacionar com as características da crônica, acredito que este seja o mesmo caso de “Somos tão Jovens”, ambas provocam uma reflexão profunda, usando uma crítica leve sobre um tema cotidiano. A tabela com os assuntos acerca da música representa traz: relação entre pais e filhos, suicídio e reflexão sobre a passagem do tempo, como foram descritos.

5) 1991 – CD “V”

A última música analisada neste artigo faz parte do disco V, o quinto CD da banda. Lançado em 1991, esse disco marca a fase emocionalmente instável do vocalista. A maioria das músicas do CD “trazem um pouco de reflexão e tristeza”, de acordo com a biografia da banda no site oficial. Mas o CD também traz referências à crise econômica e política que o país passava. A música escolhida para análise foi “Teatro dos Vampiros, com mais de 5 milhões de visualizações no *youtube*, que mistura os dois temas citados:

*Sempre precisei de um pouco de atenção
Acho que não sei quem sou só sei do que não gosto
E destes dias tão estranhos fica a poeira se escondendo pelos cantos*

*Esse é o nosso mundo, o que é demais nunca é o bastante
E a primeira vez é sempre a última chance
Ninguém vê onde chegamos:
Os assassinos estão livres, nós não estamos*

Vamos sair, mas não temos mais dinheiro

*Os meus amigos todos estão procurando emprego
Voltamos a viver como há dez anos atrás
E a cada hora que passa envelhecemos dez semanas*

*Vamos lá, tudo bem - eu só quero me divertir
Esquecer dessa noite, ter um lugar legal pra ir
Já entregamos o alvo e a artilharia
Comparamos nossas vidas
E esperamos que um dia nossas vidas possam se encontrar*

*Quando me vi tendo de viver comigo apenas e com o mundo
Você me veio como um sonho bom e me assustei, não sou perfeito*

*Eu não esqueço
A riqueza que nós temos ninguém consegue perceber
E de pensar nisso tudo, eu, homem feito
Tive medo e não consegui dormir*

Música “Teatro dos Vampiros”	Crítica Social	Fidelidade ao Cotidiano
	Mídia	Questões sociais
	Inflação alta	Valores
	Crise econômica e política	

Há um livro com o nome “Entrevista com o Vampiro”, publicado em 1976 pela escritora estadunidense Anne Rice e traduzido no Brasil por Clarice Lispector. No livro é descrito o “Teatro dos Vampiros”, neste teatro, os vampiros fingem ser atores que fingem ser vampiros. Assim, surge o nome da música. Renato Russo, em uma entrevista, também afirmou que música se refere à crise econômica do país e que inspirou-se na novela Vamp, que passava na época, assim, a música também faz uma analogia à TV. Além de fazer alusão ao congresso nacional, colocando os políticos como atores, que na verdade são vampiros (sugando o dinheiro do povo).

Nas primeiras estrofes, a banda mostra-se como um jovem que necessita de atenção e está buscando encontrar-se, ao falar “esses dias tão estranhos” pode referir-se tanto à vida particular quanto à situação política. Renato Russo dava bastante ênfase ao Fernando Collor e à inflação, então a sujeira escondida pelos cantos pode ter duplo sentido para as tentativas de soluções que tentavam implantar para melhorar a crise. Depois, é aparente a indignação ao falar que “os assassinos estão livres, nós não estamos”, enquanto os bons buscam melhores condições e estão aprisionados, os assassinos e corruptos estão livres.

Há controvérsias em relação à música retratar drogas também, como no caso de “a primeira vez é sempre a última chance”. Mas, esse trecho abre outras interpretações, como as cobranças da sociedade de acertar sempre de primeira vez, como se ela fosse a única chance. Ao falar que “estamos sem dinheiro”, mostra novamente a crise que afeta as pessoas, que todos estão procurando emprego e preocupados com a situação.

Depois mostra o desejo de divertir-se e esquecer dos problemas, um jovem apaixonado e com valores. Ao falar “ninguém percebe a riqueza que nós temos”, a banda refere-se aos valores éticos e morais, e mostram-se incomodados ao pensar nisso, a ponto de perder o sono. Dessa forma, é possível encarar a construção de Teatro dos Vampiros como complexa e polissêmica, mas com forte crítica social, mesmo que implícita, tratando de temas que naquele momento eram cotidianos, com reflexões profundas sobre a mídia e à cerca de questões sociais, como exemplificadas na tabela: mídia, inflação, crise econômica e política. Questões essas que permanecem sendo debatidas nos dias de hoje.

Considerações finais

Com as observações feitas nas análises subjetivas do conteúdo das músicas, o levantamento de dados e às ligações com o referencial teórico, Comunicação, Música, Crítica Social e Crônica, a banda Legião Urbana faz letras que podem ser interpretadas como crônicas, se baseadas nas características propostas por Melo. No conteúdo das letras analisadas, há forte presença de crítica social, tratando de temas relevantes para serem refletidos, como: corrupção, suicídio, passagem do tempo, cobranças, juventude, capitalismo, crise política e econômica.

Não são crônicas em forma de texto cronológico, e nem totalmente diretas. Entretanto, quando analisadas profundamente, é possível observar que, na sua construção, têm as características propostas por Melo. Nem toda crônica necessita ser direta para ser compreendida, muitas vezes será preciso ler nas entrelinhas e entender o contexto em que foi escrita e está inserida. No caso das músicas, o contexto foi levado em conta para a compreensão das letras e entrelinhas. As circunstâncias não eram favoráveis para a população.

A banda havia vivenciado e/ou assistido repressão na ditadura, as influências da mídia, a forte inflação. Isso afetou diretamente a forma que as pessoas se comunicavam naquela época. As tribos, como citadas por Maffesoli, não tinham a liberdade para se expressar. Nesse cenário, as músicas de protestos, como citadas por Ferraro, tiveram papel importante na vida das pessoas. Já que a mídia era censurada, as músicas eram uma maneira de expressar a indignação, a revolta e o clamor por mudanças.

Por fim, após analisar o conteúdo das músicas e encontrar semelhanças com a crônica jornalística, acredito que, através de composições, existe a possibilidade de se retratar a realidade em que se vive. Da mesma forma que o Jornalismo faz quando relata fatos do cotidiano e conta histórias com personagens reais. As músicas da Legião Urbana, tomadas como exemplo, retratam um momento e fazem refletir de forma crítica. Algo semelhante ao jornalismo opinativo, entretanto, com outra estrutura.

A análise feita neste artigo abre margens para estudos que relacionem a crônica jornalística com composições musicais. Como sugestão para novas pesquisas, recomenda-se estudar novas bandas e letras para analisar se há outras que possam ser relacionadas com as características da crônica jornalística.

Referências

- ASSAD, Simone. **Renato Russo de A a Z: as ideias do líder da Legião Urbana**. 1. Ed. Campo Grande: Letra Livre, 2000.
- BIOGRAFIA DA BANDA LEGIÃO URBANA. Disponível em: <<http://www.legiaourbana.com.br/bio.html#>> Acessado em 14/03/2015, às 14h35min.
- FERRARO, Eduardo. **Entrevista feita pelo programa Viva-Voz** da Univali com o professor de música Eduardo Ferraro. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KtHGa15iSrQ>> Acessado em: 24/03/2016, às 13h30min.
- FILHO, Ciro Marcondes. **O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto pelos ângulos humano, medial e tecnológico**. 1. Ed. São Paulo: Paulus, 2013.
- GUIMARÃES, Bruno. **Legião Urbana: contexto social e político**. Disponível em: <<http://politicacidadaniaeutopia.blogspot.com.br/2011/04/legiao-urbana-contexto-cultural-e.html/>> Acessado em 15/03/2015, às 19h48min.
- HERSCOVITZ, Heloisa Golbspan. **Análise de conteúdo em jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- MAFESOLI, Michel. **A comunicação sem fim (teoria pós-moderna da comunicação)** <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_documental_pistas_teoricas_e_metodologicas.pdf> Acessado em 05/04/2015, às 22h45min.
- MELO, José Marques. **A opinião no jornalismo brasileiro**. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.
- PRADO, Gustavo dos Santos. **A Juventude dos anos 80 em ação: música, rock e crítica aos valores modernos**. Disponível em: <http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/10_Artigo_-_Rock80_-_Gustavo.pdf> Acessado em 13/03/2015, às 11h30min.
- SUZIGAN, Geraldo. **O que é música brasileira**. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- VILLA-LOBOS, Dado; DEMIER, Felipe; Mattos, Romulo. **Memórias de um legionário**. 1. Ed. São Paulo: Mauad X, 2015.